

# Comunicação e saúde: um olhar e uma prática de pesquisa

**Inesita Soares de Araújo**

**Janine Miranda Cardoso**

**Kátia Lerner**

## **COMUNICAÇÃO E SAÚDE: O LUGAR DE ONDE SE FALA**

Pode-se pensar, pesquisar, ensinar, fazer e falar da comunicação e saúde a partir de muitos campos. Os principais são, como se poderia esperar, os que nomeiam essa interface, ambos com ampla gama de temas e perspectivas teóricas. E falar a partir da comunicação é diferente de falar a partir da saúde, cada campo e suas instituições produzindo modos diferentes de apropriação das teorias, das metodologias e também do grau em que participam das políticas, dos processos e práticas e lutas da comunicação e saúde. Neste texto falamos a partir da saúde e de uma inserção específica nesse campo. E o que, mais precisamente, isto quer dizer? Quer dizer que falamos (e atribuímos prioridades) a partir de um contexto demarcado por um sistema público de saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS), com seus dinamismos, contradições, saberes, lutas, movimentos sociais e políticos, estruturas, instituições, agendas.

O objetivo de quem estuda, faz e fala da comunicação nesse contexto é, sem prejuízo da sua inserção e contribuição acadêmica e científica (e mesmo a partir desta), compreender e agir sobre os processos de produção dos sentidos que afetam diretamente o campo da saúde. Há um compromisso com o SUS e com seus princípios, como projeto ético e política pública que toma a saúde como direito e a compreende como processo social complexo, muito além da dimensão biológica aí envolvida. Nessa perspectiva, os estudos de comunicação situam-se dentro do conjunto das ciências sociais, integrando o campo da saúde coletiva. Em contrapartida, entre os que estudam essa interface a partir do campo da comunicação, a abordagem tende a focar a saúde como conteúdo ou objeto que permite avançar na compreensão dos dispositivos de comunicação da sociedade (marcadamente os midiáticos).

Poderíamos abordar o tema de tantas formas, desde uma visada histórica, que evidenciaria a relação mutuamente constitutiva e legitimatória entre os modelos de saúde e os de comunicação, até o potencial das novas tecnologias de informação e comunicação para a ampliação do direito à saúde. Escolhemos, porém, considerando esta revista um espaço importante de abertura de interlocução, especialmente em uma edição que foca a comunicação e a saúde, falar dos temas, projetos de pesquisa e

recortes teórico-metodológicos que vêm configurando a produção do nosso Laboratório de Pesquisas em Comunicação e Saúde. Como o leitor poderá perceber, sua trajetória relaciona-se estreitamente com os rumos mais recentes da formação desse campo de interface.

Começaremos por circunscrever o campo, ainda que brevemente. Em seguida, apresentaremos a trajetória do Laboratório, como expressiva das atuais possibilidades de configuração da comunicação e saúde, principalmente quanto às demandas no campo da pesquisa e do ensino, destacando o que nos parece um dos principais desafios, o do desenvolvimento metodológico.

## UM CAMPO EM FORMAÇÃO

Os vínculos entre comunicação e saúde podem remeter a tempos imemoriais, mas, no Brasil, podemos tomar como um marco a institucionalização das atividades de educação e propaganda sanitária no Departamento Nacional de Saúde Pública, no começo do séc. XX. No entanto, pode-se dizer que apenas nas últimas décadas do século passado essa articulação já centenária passou por um processo de problematização e renovação, a partir da crítica produzida por um grupo de profissionais de instituições saúde (pesquisa, ensino e serviços), empreendida no processo mesmo de construção do novo sistema de saúde. Esse movimento foi adquirindo uma face concreta em um conjunto de iniciativas: a formação de um Grupo de Trabalho vinculado à Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), um curso de pós-graduação em comunicação e saúde (aperfeiçoamento depois especialização, com sete turmas concluídas e uma em andamento), oficinas e cursos de curta duração, participação em fóruns científicos e acadêmicos das áreas da saúde e da comunicação (entre estes, Compós, Intercom e Alaic), a luta (bem-sucedida) pelo reconhecimento e inclusão do tema nas Conferências Nacionais de Saúde (CNS) e a realização de pesquisas e investimento em estudos pós-graduados, com forte aproximação com os centros universitários da comunicação. Por fim, o que consideramos um significativo reconhecimento da legitimidade desse campo em pleno processo de fortalecimento, foram abertos editais de pesquisa dos órgãos de fomento científico, com linhas de financiamento voltadas para o tema.

Paralela e progressivamente, os cursos de comunicação foram acolhendo e valorizando pesquisas de mestrado e doutorado que tinham como objeto a saúde, enquanto cursos da área biomédica foram incluindo módulos ou disciplinas de comunicação em suas grades curriculares. Instituições de ensino de um campo e outro abriram cursos de pós-graduação *lato sensu* em comunicação e saúde.

## **O LABORATÓRIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE**

Expressando características importantes do próprio processo de configuração do campo, a origem do Laboratório remonta ao Núcleo de Vídeo, criado na década de 1980, na então Superintendência de Informação Científica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Nos últimos 21 anos, esse setor e sua unidade sede passaram por mudanças. No início da década de 1990, a unidade converteu-se em Centro de Informação Científica e Tecnológica e o Núcleo de Vídeo tornou-se um Departamento de Comunicação e Saúde, que englobou as funções de ensino e pesquisa na área. Por fim, numa muito significativa mudança institucional, o Centro converteu-se em Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica (Icict), com três laboratórios de pesquisa, sendo um deles o de Comunicação e Saúde<sup>1</sup>. Pode-se perceber que esse percurso institucional, que parte de uma área com fortes características de prestação de serviços para atender às demandas da Fundação Oswaldo Cruz, até demarcar um campo de produção de conhecimento, ensino e desenvolvimento tecnológico, assinala inflexões e sublinha marcas importantes, como as tônicas diferenciadas nos componentes científico, tecnológico e na relação, por vezes de identificação simbiótica, com o campo da informação.

O Laboratório de Comunicação e Saúde tem sua atual equipe formada por oito pesquisadores, sendo três doutores, quatro mestres e uma especialista em comunicação e saúde. Nas suas atividades de ensino e pesquisa, tem buscado parcerias tanto de pesquisadores quanto de outras instituições, em todo país, da saúde e da comunicação. Vinculado a um grupo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o de Comunicação e Saúde, suas linhas de pesquisa são:

- “Comunicação nas políticas públicas de saúde”, pela qual desenvolvemos estudos sobre políticas, práticas e estratégias de comunicação no campo da saúde, considerando os princípios constitucionais de equidade, universalidade e integralidade, assim como suas diretrizes, principalmente as de descentralização e participação social.

- “Saúde e mídia”. A partir da noção de direito à comunicação como inerente ao direito à saúde, buscamos estudar e desenvolver metodologias de análise sobre os dispositivos pelos quais a mídia participa da produção social dos sentidos da saúde e como o uso das tecnologias de comunicação, de modo isolado ou convergente, pode favorecer a ampliação ou restrição desse direito.

- “Impactos das políticas e tecnologias de comunicação na saúde”. Esta terceira linha, mais recente, visa acompanhar e estudar o modo pelo qual o campo da saúde se apropria e sofre efeitos das políticas e das tecnologias de comunicação.

## O DESAFIO METODOLÓGICO

O processo vivido até aqui, que entendemos como inseparável da constituição do campo da comunicação e saúde, tem nos apresentado inúmeros desafios. Parte deles advém das tensões inevitáveis nesse movimento de individualização de um novo território, sobretudo em relação aos campos da educação e da informação. Sendo a comunicação espaço de convergência e articulação de saberes, que torna irrecusável a noção de interdisciplinaridade e potencializa a de intertexto, é natural que outros campos se apresentem associados, com suas demandas e particularidades. Se considerarmos, porém, que articulação é o encontro sempre tenso entre campos de força, entre eixos de poder, poderemos entender que os agentes dos campos da educação e da informação, que historicamente foram organizados institucional e politicamente de forma especificada, não só englobem a comunicação – elemento que possibilita a própria existência desses campos – em seus escopos temáticos, como reivindicuem, tanto quanto os da comunicação, a prerrogativa de lugar de fala autorizado sobre o tema.

Isto não se apresentaria como questão a ser enfrentada, a não ser como parte de uma luta normal por hegemonia, se, de fato, informação, comunicação e educação fossem domínios distintos do conhecimento. Mas isto não procede, e sua atual compartimentação resulta de processos arbitrários e dirigidos por interesses nem sempre científicos ou acadêmicos. Hoje, dentro das discussões das ciências sociais em saúde, que privilegiam a interdisciplinaridade, instituições buscam reunir os três campos nas estruturas organizacionais e espaços coletivos. Adicionalmente, na prática social, esses campos não aparecem diferenciados, mas são dimensões do mesmo processo. O desafio que se nos coloca, então, é como integrar as dimensões da informação e da educação nos nossos fundamentos teóricos e métodos de análise, nos beneficiando de seus avanços, sem perder de vista as especificidades da comunicação, que existem e devem ser mantidas, a bem do próprio desenvolvimento do campo.

Outro ponto desafiador é o dos novos perfis profissionais que são demandados e que a oferta atual ainda não consegue cobrir. As escolas de comunicação apenas começam a oferecer aos alunos subsídios que lhes permita um olhar sobre o mundo das políticas públicas diferenciado do mundo das empresas de comunicação. Mais que um conhecimento sobre campos específicos, como o da saúde, que pode ser adquirido, por exemplo, através de uma especialização, ou de participação em pesquisas, o que faz falta é uma lógica mais próxima da comunicação como direito de cidadania e uma visão processual, do que da comunicação como bem de consumo e uma visão instrumental (o que acaba por fortalecer, nas instituições, uma prática das

“assessorias de comunicação”, ocupadas na visibilização dos atos de gestão, em detrimento da comunicação como espaço e processo de produção, circulação e apropriação de conhecimentos).

Para além desta limitação, porém, há a própria emergência de novos recortes, novos objetos, que pedem novas formas de abordagem, novas metodologias que consigam apreender um maior número de suas dimensões. Este é, de fato, o nosso grande desafio: precisamos construir metodologias de pesquisa que possibilitem perceber que dimensões estão presentes na constituição da interface entre comunicação e saúde; e mais, em que medida estas são mutuamente complementares e potencializadoras, ou se apresentam como excludentes ou antagonistas. Como nosso principal enfoque conceitual é a produção social dos sentidos, que engloba as noções de contexto e de intertexto, esse desafio fica ampliado, por exigir inapelavelmente que sejam consideradas a dinamicidade dos processos sociais, a diversidade dos modos de produção dos sentidos e a heterogeneidade e co-determinação dos contextos.

Avivando ainda mais as cores do cenário, temos como proposta inerente ao nosso lugar de fala sintonizar a comunicação com os princípios e diretrizes constitutivos do SUS. Certamente, o primeiro passo é a escolha do referencial teórico que viabilize este projeto. Mas o desafio, mesmo, é produzir métodos de pesquisa que não sejam destoantes desse referencial, além de factíveis de serem aplicados nos tempos institucionais (que passam pelos tempos do financiamento das pesquisas). De um modo muito genérico e simplificado, podemos dizer que a saúde – e a Fundação Oswaldo Cruz tem papel de destaque nisto – tem sido tradicionalmente lugar de produção científica, mas a prática de pesquisa está fortemente associada às ciências biomédicas, com seus métodos que privilegiam a mensurabilidade e a quantificação. O campo das ciências sociais em saúde avançou no sentido de metodologias qualitativas, principalmente através dos estudos históricos e das representações sociais. Mas a comunicação pede, além disto, métodos que permitam um conhecimento do “entre”, do “trans”, do “multi”, sem perder de vista o componente político dessa produção de saber.

Nosso Laboratório de Pesquisa tem enfrentado estes desafios, entre outros, através das atividades de pesquisa, associadas às de ensino. Passemos, então, a falar sobre o tema.

## **PESQUISA**

Pela dimensão do desafio enfrentado, temos dado prioridade ao desenvolvimento metodológico. De um modo geral, nossas pesquisas, a par de focar um objeto relevante para a saúde coletiva, investem na experimentação de métodos

novos ou combinação nova de métodos já experimentados e alguns consagrados. Suas questões principais e estado atual da investigação podem ser apresentados a partir de quatro projetos de pesquisa, sendo um já concluído, dois em fase de finalização e um que dá seus primeiros passos.

### **Avaliação da Comunicação na Prevenção da Dengue**

Iniciemos pelo projeto Avaliação da Comunicação na Prevenção da Dengue, com dois objetivos principais. Um, metodológico, experimentar uma combinação de procedimentos que permitam apreender uma realidade comunicativa multifacetada. O outro, adstrito ao objeto da saúde coletiva, compreender como as informações e orientações sobre a prevenção da dengue disseminadas pelas instituições de saúde e midiáticas são apropriadas, ressignificadas e convertidas em saberes e práticas pela população. O Complexo de Manguinhos, que reúne muitas e distintas comunidades, é a área na qual focamos nossa atenção investigativa.

A pesquisa, que está em fase final de análise e produção dos resultados, desdobrou-se em três planos, simultâneos. No plano das instituições de saúde, desenvolvemos um mapeamento das estratégias e fluxos comunicacionais, a partir do Ministério da Saúde até a população de Manguinhos. Os materiais circulantes identificados foram analisados do ponto de vista dos dispositivos de enunciação e dos discursos que articulam.

No plano das instituições midiáticas, contemplamos os jornais *O Dia* e *Extra* e as duas edições diárias do telejornal *RJ TV*, indicados em levantamento de campo como as principais fontes de informação (presença e legitimidade) pela população da área estudada. Os jornais e telejornais foram monitorados e analisados, durante três anos, num largo período anual em que ocorre a epidemia de dengue. A partir de 2006, começamos a fazer circular, em versão impressa dirigida aos grupos interessados, mas também em versão eletrônica, um pequeno informativo com análises de pontos específicos, que procurou sempre contemplar as vozes dos três segmentos enfocados na pesquisa. Este procedimento tríplice – monitoramento, análise e circulação – forma o que consideramos um embrião de um observatório de mídia sobre saúde, com foco nas desigualdades nos meios de comunicação, tanto no modo como os interesses sociais são representados, como pela possibilidade dos grupos e segmentos sociais nela fazerem circular suas idéias e propostas.

No plano da população, fizemos algumas séries de entrevistas, em momentos e lugares distintos. Na área, propriamente, utilizamos um método, bastante simples, de chegar às pessoas através de suas redes de relacionamento, considerando que estas são muito relevantes para a circulação e apropriação das informações, portanto

para a produção dos sentidos. A partir de cinco pessoas-chaves, fomos seguindo indicações sucessivas de novos potenciais entrevistados, até completarmos o número desejado (100). Este procedimento também facilitou a obtenção das entrevistas em áreas cujo acesso é controlado por terceiros. Completamos as entrevistas em evento aberto coletivo promovido anualmente pela Fundação Oswaldo Cruz, ao qual ocorre a população de Manguinhos e de outros bairros próximos.

Optamos pela Análise Social dos Discursos (AD) como metodologia comparativa das três instâncias. A abordagem privilegiada de AD é a desenvolvida por Milton Pinto e um grupo de pesquisadores que foram seus alunos de pós-graduação na ECO/UFRJ e que focaram sua atenção no campo da comunicação e políticas públicas, entre eles as autoras deste artigo. Contexto, condições de produção, circulação e apropriação discursiva, polifonia e concorrência discursiva são conceitos-chaves nesta abordagem.

A pesquisa tem apoio da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), através do Programa de Desenvolvimento e Inovação Tecnológica em Saúde Pública (PDTSP), da Fiocruz.

### **Fala Conselheiro!**

A pesquisa Fala Conselheiro! Redes de Interesse e Estratégias de Comunicação na XII CNS, que terá seu término em novembro deste ano, buscou mapear as redes de interesses e relações de atores sociais que se fizeram representar na 12ª Conferência Nacional de Saúde (Brasília, 2003). Fazendo uso de diversas estratégias de comunicação, os conselheiros expressam nas Conferências, principal fórum público de participação social e democrática na saúde, o modo pelo qual se constituem publicamente os segmentos sociais que representam e a imagem que estes têm de si e de suas relações com a sociedade.

Na estrutura do SUS, a principal forma de controle das políticas de saúde e sua implantação pela sociedade são os conselhos de saúde, que vão do nível distrital ao nacional. Quando um conselheiro chega às Conferências Nacionais, eventos que reúnem milhares de pessoas de todo país, em tese ele tem mandato de representação de um segmento social. Em geral, leva e assume publicamente as posições legitimadas nos fóruns locais. Também costuma ser portador de materiais comunicativos que expressam essas posições e divulgam bandeiras de luta, como *bottoms*, camisetas, faixas, cartazes, filipetas e uma grande diversidade de impressos.

A orientação metodológica da pesquisa integra, numa perspectiva de experimentação, a análise do discurso do sujeito coletivo, desenvolvida por Fernando e Ana Lefèvre (Faculdade de Saúde Pública/USP e Instituto de Pesquisa do Discurso

do Sujeito Coletivo), centrada na análise textual e viabilizada por um *software* para uso em computadores e a AD, mencionada anteriormente, que privilegia as dimensões contextuais (incluindo contextos textuais e intertextuais e situacionais). Basicamente, os procedimentos de coleta dos dados foram: gravação das falas dos conselheiros que tomaram a palavra em sessões plenárias de quatro mesas temáticas na XII CNS; gravação integral das palestras nestas mesas; coleta dos materiais de comunicação que circularam no local (inclusive os trazidos pelos conselheiros); e entrevistas com o auditório (avaliando subsidiariamente a repercussão das falas). Na seqüência, todo esse material está sendo analisado.

É importante sublinhar que a pesquisa reconhece a dimensão comunicacional das instâncias de participação social instituídas no Sistema Único de Saúde, e as toma como espaço de concorrência política e simbólica, sem desconhecer que permanecem invisíveis para a maioria da população brasileira, em boa medida, porque não alcançaram reconhecimento midiático.

A pesquisa Fala Conselheiro! conta com apoio do CNPq.

### **Pesquisais**

Esta é o nome abreviado do projeto de pesquisa Promoção da Saúde e Prevenção do HIV/Aids no Município do Rio de Janeiro: uma metodologia de avaliação para políticas públicas e estratégias comunicação,, realizada entre fevereiro de 2002 e julho de 2003, com apoio financeiro da CN-DST/Aids/MS e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Nosso objetivo foi experimentar a combinação de procedimentos metodológicos que permitissem avaliar a comunicação de forma mais produtiva que os métodos convencionais (em geral, verificações de *recall*). Tomamos o caso da prevenção da Aids e desenvolvemos a pesquisa em dois bairros do Rio de Janeiro, Curicica e Lins de Vasconcelos. Nossos parceiros foram a Secretaria Municipal de Saúde e o Núcleo de Pesquisas em Estratégias de Comunicação / ECO / UFRJ.

Alguns pressupostos, associados, estiveram na base da pesquisa. Um primeiro, de natureza teórica, leva a perceber a comunicação como espaço e processo de negociação, no qual e através do qual se estabelece uma concorrência entre perspectivas possíveis sobre os fatos sociais, perspectivas que resultarão em modos diferentes de agir sobre a realidade. Segundo, que os sentidos sobre a epidemia de Aids resultam dessa concorrência, pela articulação de discursos circulantes sobre o tema. Terceiro, que o modo como as pessoas pensam, que também é produto dessa concorrência discursiva, interfere nas soluções que elas encontram para os problemas de saúde. Por fim, que não existe (portanto, não se

busca) uma relação causal e automática entre uma “boa comunicação” e “mudança de comportamento”.

Tínhamos alguns desafios pela frente, entre eles o de converter em método de pesquisa conceitos como mercado simbólico e mediações, sem ficarmos restritos às habituais soluções de entrevistas ou grupos focais, com seu risco inerente do discurso produzido em função dos lugares de interlocução pesquisador-pesquisado. Cabia, pois, identificar discursos e formas de agenciamento na própria produção dos adolescentes.

A pesquisa teve então, como ponto de partida empírico, um processo de mobilização que demandou novas bases teóricas. Recorremos ao método de Bernardo Toro, pesquisador para quem comunicação se define como a capacidade que uma sociedade tem de fazer circular seus discursos, assim como os de outras sociedades. Nesse sentido, mobilização é vista como uma ação que favoreça que os vários discursos de uma sociedade possam ter visibilidade e concorrer de forma menos assimétrica. Reconhecendo a pluralidade de discursos sociais, pode-se permitir a emergência de sentidos não-hegemônicos, ampliando as condições para que os atores sociais se convertam em atores políticos.

Para nós, essa é uma propriedade vital porque ilumina justamente aquilo que outras perspectivas teimam em desconhecer: as estratégias de silêncio e de silenciamento, as estratégias desviantes dos que historicamente estão em desvantagem social, os pontos de vista que socialmente são desqualificados. É esta possibilidade que abre outra, a de que a prática discursiva seja percebida como de luta e transformação, não apenas de manutenção do *status quo*.

Outro enfoque potencializador foi o das mediações sociais apostando que as pessoas, ocupando sempre diferentes lugares de interlocução, não se apresentam ao consumo simbólico de uma forma homogênea e estável, mas que os processos de apropriação (e, portanto, de produção dos sentidos) vão se constituindo mediante os múltiplos processos interativos.

Assim posicionados, durante um ano, pesquisadores e profissionais de saúde buscaram favorecer condições para que jovens moradores dos bairros envolvidos criassem estratégias de comunicação a partir de suas convicções, experiências e interesses. Essa mobilização gerou diversas falas e manifestações que foram analisadas pelo método da AD.

Os resultados da pesquisa estão publicados em relatório, que pode ser obtido em versão impressa ou formato digital, através do Fale Conosco do Portal Fiocruz ([www.fiocruz.br](http://www.fiocruz.br)), ou pelos e-mails das autoras. Tentando resumir os achados de maior impacto para as políticas públicas de comunicação, poderíamos dizer que

eles reafirmam a necessidade de adotarmos abordagens e posturas que reconheçam outros saberes, competências e inventividades para além daquelas provenientes da ciência, das autoridades sanitárias ou do meio publicitário. Tradicionalmente, a prática das instituições tem se centrado na transferência de conhecimentos à população. O ponto de vista do qual se parte e ao qual se chega é sempre o do conhecimento médico e o da supremacia da ciência sobre o chamado senso comum e a experiência individual e coletiva. No entanto, são estes que provavelmente determinarão o modo de agir diante dos problemas enfrentados.

Muito tem se falado sobre a necessidade de considerar o protagonismo da população nas práticas de saúde. Quando falamos de comunicação, protagonismo significa a possibilidade das pessoas expressarem e fazerem valer seu modo de compreender e agir sobre sua vida, seu cotidiano e sobre os problemas de saúde que enfrentam. Como isto se traduz em estratégias de comunicação? Basicamente, em possibilitar e fomentar práticas que permitam a expressão, ampliação e circulação dos sentidos produzidos pela população, tanto quanto os produzidos pelas instituições. As estratégias devem acolher ou favorecer o uso de diversos canais de expressão, sejam ou não os tradicionais das práticas preventivas. E, neste sentido, a expressão empoderamento pode ser trocada por apoderamento, traduzindo o apoderar-se, apropriar-se desses espaços e meios de circulação simbólica.

Este tipo de estratégia tem algumas vantagens cumulativas: favorece um conhecimento maior da realidade em que se atua; aponta e incorpora práticas de maior ressonância local e, portanto, maiores chances de eficácia preventiva; favorece o exercício dos direitos de cidadania. Não se trata de abrir mão da fala institucional, mas de permitir que, ao lado desta, outras falas também sejam consideradas legítimas. É preciso não ter receio de abrir o espaço discursivo para outras vozes, até mesmo porque entre aquelas mobilizadas pela população em seus discursos se incluem fortemente as que emanam das instituições de saúde.

Este ponto requer uma política de descentralização da comunicação e está estreitamente relacionado com a urgência de estratégias descentralizadas e permanentes que permitam explorar produtivamente a noção de contexto, condição indispensável para uma comunicação eficaz. Uma comunicação produzida centralmente anula a possibilidade de produzir algo que corresponda às demandas locais. Em decorrência, temos uma comunicação vertical, que não considera os diferentes contextos textuais e dificilmente se transformará em fator de estímulo para uma ação concreta local sobre os problemas de saúde.

A avaliação da possibilidade de aplicar o método de mobilização de Toro em processos de pesquisa, combinado com a Análise Social de Discursos

pode ser encontrada no relatório supracitado, assim como outros resultados da pesquisa. Passemos agora ao nosso mais recente projeto, que teve seu início em março deste ano.

### **Políticas e Práticas de Comunicação no SUS: mapeamento, diagnóstico e metodologia de avaliação**

Esta pesquisa parte do pressuposto de que os campos da saúde e da comunicação, em seu longo histórico de agenciamentos, parecem atravessar, hoje, um momento de inflexão. Por um lado, a presença crescente dos padrões e referências da lógica midiática que, transversal à sociedade, constitui e afeta todas as suas práticas, inclusive aquelas relacionadas à saúde, ainda que de modo não-homogêneo. Por outro lado, a implantação do Sistema Único de Saúde, que tem reforçado as demandas por uma comunicação mais democrática e sintonizada com seus princípios e diretrizes e com as demandas sociais, presentes na agenda de instituições, movimentos sociais e instâncias de participação social.

Esse cenário não se apresenta, porém, de forma homogênea: pelo contrário, reflete a diversidade e, sobretudo, a desigualdade que se observa no país em todas as dimensões e campos. A desigualdade, quando tratada no âmbito da comunicação, é traduzida nas diferentes possibilidades de produção, circulação e apropriação dos bens simbólicos da saúde, que refletem a concentração do poder de falar e se fazer ouvir.

Percebe-se, então, a necessidade de atualizar e aprofundar o conhecimento das práticas de comunicação no âmbito do SUS, incluindo uma avaliação que abranja as novas tendências, sem abrir mão da compreensão histórica da formação do campo. Nessa perspectiva, este projeto tem entre seus objetivos o mapeamento de políticas e práticas de comunicação, assim como o desenvolvimento de processos e indicadores qualitativos para sua identificação, acompanhamento e avaliação. Nossa expectativa é que os resultados da pesquisa possam contribuir para o conhecimento crítico, bem como para aprimorar as estratégias de comunicação para a promoção da saúde e prevenção dos agravos.

O universo da pesquisa localiza-se no campo da saúde pública, mais especificamente no âmbito do SUS – instituições públicas, organizações do terceiro setor e movimentos sociais, em todo o país. Sendo impossível uma pesquisa censitária, elegemos uma capital por região – Cuiabá, Belém, Recife, Porto Alegre e Rio de Janeiro – às quais se soma Brasília, onde estão as instituições centrais do sistema.

São três os movimentos metodológicos. Num primeiro momento, serão identificadas, mapeadas e analisadas as práticas comunicacionais das diversas

instituições, desde as diretrizes até os recursos, passando por agentes, processos, produtos e conteúdos. Simultaneamente, estarão sendo levantadas as políticas, diretrizes e programas para a comunicação traçados nas instituições centrais. Num segundo momento, algumas experiências serão aprofundadas, através de estudos de produção dos sentidos, nestes casos, incluindo os processos de circulação e apropriação. As experiências, selecionadas por sua relevância e grau de inovação, deverão contemplar, no seu conjunto, o uso dos meios coletivos de comunicação (mídia massiva), o uso e o acesso a novas tecnologias e os processos interpessoais de comunicação.

Esta pesquisa tem financiamento do CNPq e da própria Fiocruz, além de mobilizar como parceiros instituições de ensino e pesquisadores de várias partes do país, assim como instituições do sistema público de saúde.

### **OUTRAS PESQUISAS**

Nosso Laboratório ainda conduz outras pesquisas. Uma delas, Mapeamento da Comunicação: fluxos e comunidades discursivas, baseia-se no conceito de mercado simbólico e tem sido desenvolvida ao longo dos anos, de modo articulado aos demais projetos e às atividades de ensino. Objetiva o aperfeiçoamento de um método já desenvolvido por nós de mapeamento da comunicação para um determinado segmento, sobre um dado tema e num dado território.

A pesquisa O Pôster como Instrumento de Comunicação na Saúde tem como objeto esta que, na saúde, é a modalidade de visibilizar pesquisas, métodos, processos ou produtos de trabalho mais disseminada e acolhedora das múltiplas vozes. O foco da pesquisa é sua utilização e repercussão como instrumento de interlocução científica. Seu universo empírico são os grandes congressos da área da saúde e seus procedimentos metodológicos incluem entrevistas com os autores, com os leitores e com a comissão científica dos eventos e análise gráfica dos pôsteres.

A Cartografia da Literatura sobre Comunicação e Saúde é uma pesquisa que tem sido subsidiária das demais, enquanto aguarda um financiamento que permita a ampliação da equipe do laboratório. Apesar de recente, o campo da comunicação e saúde tem produzido uma significativa literatura, quantitativa e qualitativamente: teses, artigos, revistas, monografias, livros, publicações *on-line* etc., que se apresenta dispersa e fragmentada, dificultando seu acesso e tornando bem menor a contribuição que poderia representar para o avanço do próprio campo, nas suas dimensões de ensino, pesquisa e projetos. A pesquisa tem o objetivo de mapear e sistematizar esse acervo: quem (autores, formação e vinculação institucional) escreve o que (principais correntes teóricas e metodológicas que se expressam), onde (suportes e modos de visibilização, circulação e disponibilização) e como (gêneros).

## ÚLTIMAS PALAVRAS

Concluimos este artigo falando do ensino, outro pilar das atividades do Laboratório, que coordena, desde 2003, um curso de especialização em comunicação e saúde, iniciado em 1993, na modalidade aperfeiçoamento, em parceria com a Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz).

Além de compartilhar dos mesmos pontos de partida e compromissos que orientam as pesquisas, o curso tem entre suas buscas a desnaturalização e desconstrução da perspectiva instrumental da comunicação, historicamente hegemônica na saúde, em favor de uma noção de comunicação como fator estruturante da produção social dos sentidos. Este é o principal parâmetro teórico, que direciona as opções, inclusive as metodológicas; já as noções de contexto e de rede ocupam lugar central na abordagem adotada. O conhecimento é compreendido como uma rede heterogênea que articula experiências, saberes, competências e habilidades, sempre produzidos social e contextualmente. Vale sublinhar que o cotidiano das turmas e os trabalhos finais dos alunos, profissionais de comunicação e saúde, boa parte atuando no SUS, têm sido espaços de debate e experimentação de temas e caminhos metodológicos.

Se as parcerias têm sido uma tônica desde o início, hoje as redes interinstitucionais demonstram mais claramente sua potência, principalmente pelos vínculos com a pesquisa e a estratégia de descentralização dos cursos, com turmas já formadas no Rio de Janeiro, Manaus e Brasília. Aos parceiros mais frequentes, como o Grupo de Trabalho Comunicação e Saúde, da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva - GTCOM/Abrasco, o Laboratório de Pesquisas sobre Práticas de Integralidade em Saúde - Lappis/IMS/UERJ e a Escola de Comunicação da UFRJ, somam-se a Universidade do Vale dos Sinos/Unisinos/RS e as Universidades Federais do Pará, Pernambuco e Mato Grosso.

No momento, essa experiência tem sido mobilizada para a formatação de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em Informação e Comunicação em Saúde, desafio que mobiliza também os outros laboratórios do Ict.

## E UMA NOTA

Optamos por não citar referências de autores associados às idéias mobilizadas ao longo do texto, uma vez que este não se revestiu de um caráter convencional, sendo um texto de apresentação de nosso Laboratório. Mas gostaríamos de mencionar aqueles cuja presença aqui foi mais forte. Toda nossa abordagem metodológica de AD tem como matriz o trabalho do mestre Milton José Pinto, que nos remete a Michel Foucault, Mikhail Bakhtin e Norman Fairclough. Pierre Bourdieu oferece o lastro para as idéias de mercado e poder

simbólico, entre outras. Presentes, também, as idéias desenvolvidas em vários momentos pelas autoras, que assinam outras produções que estiveram na base deste artigo.

Rio de Janeiro, julho de 2007

#### **NOTA**

1 Os outros são: Laboratório de Pesquisa em Informação em Saúde e Laboratório de Pesquisa em Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde.

INESITA SOARES DE ARAÚJO é pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz. Membro do GT de Comunicação e Saúde da Abrasco .

JANINE MIRANDA CARDOSO é tecnologista do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz. Membro do GT de Comunicação e Saúde da Abrasco .

KÁTIA LERNER é pesquisadora do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica da Fundação Oswaldo Cruz.